

MERCADO DA PESCA ESPORTIVA: O PRÊMIO PARA O PESCADOR DEVE SER O PEIXE MORTO?¹

Marcos Rogério Maioli
Instituto Federal do Paraná - IFPR
Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI
marcos.maioli@ifpr.edu.br

Adriano Stadler
Instituto Federal do Paraná - IFPR
Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI
adriano.stadler@ifpr.edu.br

RESUMO

A pesca esportiva é uma atividade que tem ganhado destaque entre os esportes ao ar livre, acarretando no desenvolvimento turístico das localidades em que ocorre, seja por meio das viagens para a prática, seja pela realização de eventos voltados para seu público. Porém, por se tratar de uma atividade que tem como palco a natureza, as questões ambientais não podem ser desconsideradas. É em meio a esse cenário que atua a Amura Eventos e Pesca Esportiva, empresa que, ao mesmo tempo que promove atividades nesse ramo, fomenta a discussão sobre o uso racional dos recursos ambientais e ressalta a necessidade de mudanças culturais junto aos pescadores esportivos. O presente trabalho trata das situações conflituosas vividas pelo biólogo e empreendedor Geraldo Tomé, fundador da Amura, que procura solucionar alguns dilemas, como a busca por argumentos para convencer os participantes de pesca esportiva e viagens de pesca de que devem devolver à água os espécimes capturados. Tal esforço visa a possibilidade de desenvolvimento da empresa em concomitância com uma maior racionalidade ambiental por parte dos participantes, sem que a satisfação dos mesmos seja prejudicada, através do desenvolvimento de uma melhor relação com o meio ambiente e, assim, contribuindo para a manutenção dos estoques pesqueiros para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Pesca esportiva; Sustentabilidade; Comportamento do consumidor.

¹Recepção: 22/06/2019.

Aprovação: 03/09/2019.

Publicação: 01/06/2020.

SPORTS FISHING MARKET: THE FISHERMAN AWARD MUST BE THE DEAD FISH?

ABSTRACT

The sport fishing is an activity that has gained prominence among outdoor sports, resulting in the tourist development of the localities in which it occurs, either through trips to the practice, or through the accomplishment of events aimed at its public. However, because it is an activity that has the stage of nature, environmental issues cannot be disregarded. Amura Events and Sport fishing, a company that, at the same time as it promotes activities in this branch, foments the discussion about the rational use of the environmental resources and emphasizes the necessity of cultural changes with the sport fishermen. The present work deals with the conflictive situations experienced by the biologist and entrepreneur Geraldo Tomé, founder of Amura, who seeks to solve some dilemmas, such as the search for arguments to convince the participants of sport fishing and fishing trips that they must return to the water the captured fishes. This effort aims at the possibility of developing the company in concomitance with a greater environmental rationality on the part of the participants, without their satisfaction being hampered, through the development of a better relation with the environment and, thus, contributing to the maintenance of the fish stocks for the future.

KEYWORDS: Sport fishing; Sustainability; Consumer behavior.

INTRODUÇÃO

O biólogo e empreendedor Geraldo Tomé, proprietário da Amura Eventos e Pesca Esportiva, iniciou seu negócio de modo improvisado, motivado por sua paixão pela pesca. Porém, com o passar do tempo, sentiu a necessidade de profissionalizar sua empresa para conseguir crescer. Parte dessa profissionalização dizia respeito a uma maior conscientização ambiental por parte dos envolvidos, dependendo, assim, de uma mudança de atitude entre os participantes dos eventos de pesca esportiva da Amura. O que Tomé não previa é que haveria controvérsias, e isso tem o deixado em constante conflito. Que argumentos poderia usar para convencer os pescadores a devolver à água, com vida, os peixes capturados?

Ao longo dos tempos, a pesca esportiva teve como princípio a possibilidade de os pescadores sempre levarem consigo os peixes capturados como um troféu, uma recompensa pela prática da pesca. Porém, na atualidade, em função das campanhas ambientalistas de conscientização quanto à exploração do meio ambiente, Tomé tem buscado despertar em seus clientes uma racionalidade ambiental, que possibilite que todos respeitem as normas vigentes e, ao mesmo tempo, saiam satisfeitos. Para ele, o troféu dos pescadores esportivos deve ser as fotos e filmagens postadas em redes sociais. Em razão disso, tem investido fortemente na sensibilização dos participantes, para que pensem a longo prazo, alertando-os de que seus atos trarão consequências e de que são responsáveis pela manutenção dos estoques pesqueiros para o futuro. Essa prática responsável da pesca esportiva, depende do convencimento da importância, por parte do pescador, de se conhecer as regras do esporte e se criar uma racionalidade ambiental, através de palestras e materiais produzidos especificamente com o objetivo de incentivar uma mudança de atitude por parte dos clientes da Amura Pesca Esportiva.

Tal cenário aponta para um dilema: como manter a Amura Eventos e Pesca Esportiva com sua base de clientes satisfeitos e, ao mesmo tempo, ampliar a quantidade de pescadores interessados em uma pesca esportiva que efetivamente cumpra com todas as obrigações legais e desenvolva uma consciência ambiental entre os participantes?

AMURA EVENTOS

A Amura Eventos é uma empresa especializada em organizar eventos de pesca esportiva no litoral paranaense e catarinense, bem como em organizar grupos de pescadores para essa prática nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, com sede em Curitiba e filial em Balneário Camboriú. Tomé, ao criar uma empresa que tem como produto a pesca, acabou unindo seu hobby a uma oportunidade de negócios. “Observei, enquanto era presidente de um clube de pesca no litoral do Paraná, que havia grande demanda por eventos desse tipo, e meus colegas de prática me incentivaram a criar a empresa.”

Inicialmente, o hoje empresário, organizou, quase que informalmente, alguns eventos por cerca de três anos. Percebendo que precisava profissionalizar e conhecer melhor o mercado para expandir as atividades, começou a pesquisar outras empresas que atuavam junto ao segmento e também a participar de torneios e eventos de pesca para conhecer os concorrentes. Confirmando assim o interesse de pescadores profissionais e amadores, visualizou a existência real da oportunidade, e, então, juntamente com um parceiro de pescaria, agora sócio, criaram a Amura Eventos, em 2016. Hoje em dia, com a ascensão do negócio, inclusive as esposas de ambos os empreendedores atuam na gestão do negócio e contribuem na organização de eventos.

Tomé é um biólogo apaixonado pelo mar e pela pesca esportiva. Tem um profundo conhecimento da relação existente entre o homem e a natureza e uma preocupação genuína com os impactos gerados pela sua atividade. Segundo suas palavras:

Buscamos um esporte que tenha este contato direto com a natureza e que respeite as variações sazonais e a dependência de fatores naturais, sempre levando em conta o fato de que um mesmo animal pode ser capturado e depois solto por diversas vezes de maneira responsável. Isso proporciona grande impacto positivo à atividade.

A empresa, inicialmente, começou pequena, e os sócios mantiveram seus empregos em outras áreas, administrando simultaneamente os eventos de pesca esportiva com seus afazeres. No entanto, em pouco tempo, planejar tais eventos começou a exigir mais dos empreendedores, já que esse segmento demanda relações com diversas empresas organizadoras ligadas tanto às temáticas esportivas como culturais, científicas, promocionais, educativas, empresariais, religiosas, sociais, governamentais, entre outras.

Para se alcançar um planejamento adequado existe algumas prioridades para uma empresa desse ramo, como definições com antecedência de datas e locais, levantamento de possíveis patrocinadores, elaboração de orçamentos, cronogramas e divulgação adequada. Esse longo período preparatório serve para que os participantes se organizem quanto às datas e à logística, além de questões financeiras, física e mental, para que possam estar preparados para as práticas e competições.

O ato de organizar um evento possui características de projetos, pois agrega valor ao mesmo e movimenta a economia local, seja pela vinda do turista de pesca, seja pela geração de empregos, renda e impostos, combatendo, assim, os efeitos negativos da sazonalidade. A criação de novos serviços especializados direcionados a essa demanda, como, por exemplo, os guias de pesca, uma exigência em determinadas localidades, pode proporcionar oportunidades para que o destino turístico da pesca prospere, desde que se baseie nos princípios da sustentabilidade econômica, social e ambiental.

É importante destacar que, para realizar campeonatos de pesca, faz-se necessário atender à legislação vigente dos órgãos ambientais, da Marinha e do IBAMA. O licenciamento ambiental para esse tipo de evento pode ser feito, em diversos casos, através do envio de formulários e documentos pela internet às autoridades competentes, para anuência e respaldo. Para organizar viagens de pesca para a região Norte e Centro-Oeste, também é necessário atender à legislação local, e os pescadores devem estar imbuídos dos preceitos do “pescue e solte”, além de possuírem carteira de pescador profissional.

Em relação aos peixes capturados no litoral brasileiro, o robalo (nas espécies cientificamente chamadas *Centropomus parallelus* e *Centropomus undecimalis*) é um dos mais visados, o qual apresenta grande relevância econômica, seja pela pesca extrativista, seja pela esportiva. (ITAGAKI, 2005; HILL, 2005).

Cabe ressaltar que o conhecimento científico disponível sobre os robalos que ocorrem no Brasil é incipiente, sendo desconhecido o tamanho de suas populações. Além do mais, existem as capturas ilegais, que não possuem dados apurados. Conforme o Instituto Nacional de Pesca (2005) existem registros de diminuição dos estoques pesqueiros de quase todas as espécies de valor comercial. A título de comparação, nos Estados Unidos, onde o declínio das populações de robalo começou a ser monitorado há mais de 50 anos, a recuperação da espécie foi conseguida com forte regulamentação, levantamento de dados técnicos e biológicos,

estabelecimento de parâmetros de captura e comercialização, proibição de pesca em época de defeso e incentivo a modalidade “pesque e solte”.

Falando mais especificamente do Estado do Paraná, a regulamentação segue a portaria nº 002, de 14 de maio de 1997 (Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA), que fixa o tamanho mínimo de captura do robalo-peva (*C. parallelus*) em 30 cm e do robalo-flecha (*C. undecimalis*) em 45 cm. Apesar disso, a diminuição dos estoques desses dois peixes é citada tanto por pescadores esportivos quanto por pescadores artesanais nos últimos anos (MORO, 2008).

Até existem tentativas de solucionar esse problema, como o projeto “Repovoamento do Litoral do Paraná com Alevinos de Robalo”, realizado pelo Centro de Produção e Propagação de Organismos Marinhos (CPPOM - Pontifícia Universidade Católica do Paraná), que confirma a diminuição das capturas de robalo no litoral paranaense. Mesmo assim, há carência de dados estatísticos da atividade pesqueira na região e de um conhecimento biológico mais profundo das espécies em questão.

EVENTOS DE PESCA ESPORTIVA

A pesca esportiva é uma atividade de lazer, pois dela não depende a subsistência do pescador. Dentre as modalidades existentes, a mais comum é conhecida como pesque-pague, sendo considerada uma das mais populares atividades de lazer do mundo, em parte devido à facilidade em atender a diversos públicos e não exigir tantos equipamentos. Pode ser exercitada em rios, lagos, mares e represas, o que proporciona muitas viagens de turismo e a realização de eventos. Para o exercício da pesca esportiva, é permitida a captura de alguns peixes, tais como: o marlim, considerado de grande porte; o robalo e o tucunaré, de médio porte; e a truta, de pequeno porte. A prática pode ocorrer na beira d’água com linha e anzol, nas modalidades mais acessíveis, mas engloba também pesca submarina, pesca com caiaque, pesca com barcos motorizados e elétricos. No caso do Paraná, ela ocorre em represas, rios e baías, porém mais de 80% dos campeonatos se dão no mar.

Em relação à periodicidade, os eventos de pesca esportiva seguem um calendário anual brasileiro. Por dependerem das fases da lua (maré correta), dentre outros fatores, a falta de regras claras que possam ser aplicadas em todo o país gera uma sobrecarga de eventos em determinados dias do mês, o que acaba por dividir o público. Devido a isso, torna-se necessário para a empresa organizadora fidelizar e manter os participantes.

Na tentativa de estabelecer parâmetros mais objetivos, regulamentações pesqueiras foram estabelecidas nas regiões Sudeste e Sul do Brasil e, no âmbito federal, pode-se destacar a determinação de tamanhos mínimos de captura (ZACHEO e DIAS, 2011). Já no Estado do Paraná, uma decisão inovadora e de vanguarda para os padrões brasileiros foi implementada: a delimitação de uma “janela de captura”, que tem como premissa a proteção de peixes juvenis e das grandes matrizes, válida somente para a pesca esportiva (PARANÁ, 2009; 2013).

Além de levar em consideração tais premissas, a Amura, para a realização de eventos, escolhe um local adequado, que possua espaço de estacionamento amplo e seguro, já que as embarcações em sua maioria exigem grandes caminhonetes ou carros de grande porte. Ademais, o local deve oferecer fácil acesso à parte aquática e possuir estrutura básica, como terminais bancários, restaurantes, etc.

Para a escolha da data, deve-se respeitar o período de defeso (período em que caça e pesca são vetados ou controlados) e observar as fases lunares com marés favoráveis (minguante),

quando a pesca é mais produtiva. Afinal, não adianta fazer um evento em datas em que os participantes tenham probabilidade reduzida de captura, já que seu sucesso depende de os participantes conseguirem muitos exemplares.

A divulgação do evento é realizada pelas redes sociais junto à base de dados mantida pela empresa, por e-mail e publicações em revistas e jornais especializados da área. A divulgação em outras línguas ou no exterior não é realizada, já que os participantes são todos brasileiros ou residentes no Brasil.

As inscrições podem ser efetuadas pela internet, e o comprovante da inscrição pode ser enviado por WhatsApp, necessitando uma certa antecipação para que possa ser efetivada. A busca de patrocínio e apoio se restringe a empresas fornecedoras de equipamentos de pesca, e não existem convênios com hotéis ou pousadas. No caso de grupos que praticam a pesca na região Norte, o mais comum é o uso de barcos chalanas e pousadas próximas a rios ou represas.

AS MUDANÇAS PROPOSTAS POR GERALDO TOMÉ AOS PESCADORES

Tomando um chimarrão, cabisbaixo, naquele dia frio de inverno em que ventava muito, sentado em seu escritório em meio a pilhas de caixas com materiais promocionais e brindes, enquanto dava prosseguimento a mais um evento, o empreendedor e biólogo Geraldo Tomé pensava em como mudar o conceito de pesca esportiva junto a alguns dos participantes de seus eventos e de viagens de pesca. Ele deveria utilizar fortes argumentos, mais esclarecedores, bem como utilizar dados confiáveis e atuais que corroborassem com seu discurso de que os pescadores devem devolver à água os peixes capturados.

Pensava que, às vezes, as pessoas se acomodam em torno de uma ideia preconcebida e não mudam, ou não querem mudar. Não levam em consideração que os tempos são outros e que há a necessidade de uma atitude mais proativa em se adequar às regras atuais. O resultado idealizado seria uma melhora para todos, com benefícios mútuos, e corresponderia às expectativas ambientais mais atualizadas.

Dois casos haviam ocorrido que justificavam sua preocupação com a organização de evento de pesca esportiva: um com um grupo de pesca e outro na prestação de informações durante a organização de um evento.

O primeiro fato ocorreu em uma pescaria na região Norte do Brasil, com um grupo de pescadores conduzidos pelo empreendedor. Tomé estava juntamente com um guia local no lago da Usina Hidrelétrica Peixe Angical, em Gurupi (TO), onde existe uma grande quantidade de peixes tucunaré-azul, espécie boa de briga e que exige muita técnica por parte do pescador para efetuar a captura. O lago é gigantesco e proporciona um bom ambiente aos peixes, que ali crescem em abundância e atingem proporções maiores do que em outros rios e lagos da região. Além disso, a localidade tem acesso facilitado, devido à estrada disponibilizada durante a construção da usina, e que hoje é usada pelos moradores da região e também pelos pescadores.

Após a captura e soltura de vários e bons exemplares, realizadas pelo grupo, um dos integrantes apanhou um peixe excepcionalmente grande, com quase setenta centímetros de comprimento. Depois de muito labutar, finalmente o pescador segurou-o para fotos. Vendo que ele estava demorando demais para devolver o peixe ao rio, Tomé pediu para que o exemplar fosse solto. O pescador, não querendo devolvê-lo, disse que não o faria e que ficaria

com aquele peixe. Sem pensar muito, o guia local pegou o espécime e o atirou na água, o que causou grande revolta no pescador:

PESCADOR: É um absurdo ter investido tanto dinheiro e não poder levar nenhum exemplar embora.

TOMÉ: Você sabia das normas. O peixe tem que ser devolvido à água, ainda mais um dessa envergadura, no caso uma fêmea. Existe uma obrigação moral de devolver essa matriz, para que ela possa se reproduzir e gerar novos exemplares com esse porte. O guia agiu dentro das regras e não pode ser culpado por ter feito o que é certo. O errado é você, que não quis respeitar e quase matou o peixe.

O pescador ficou muito raivoso e tentou argumentar:

PESCADOR: Não sei por que tenho que seguir essa norma idiota. Não tem ninguém aqui no meio do lago para verificar quem leva um peixe embora e quem não.

TOMÉ: Vamos! Não é o fim do mundo. Agora você pode dizer para todos que capturou o maior tucunaré deste lago e tem fotos para provar isso. Você sabe que ninguém pode tirar essa conquista de você. O peixe teve que ser atirado na água para que ele não morresse, já que o bicho estava cansado e muito tempo fora da água sem respirar.

Continuando, Geraldo Tomé apontava vários argumentos:

TOMÉ: Pense em qual benefício você teria em levar o peixe embora. Estamos a milhares de quilômetros da sua casa. O peixe provavelmente não chegaria bem conservado, não poderia ser ingerido. Elevando em consideração o valor investido nesta viagem, se você olhar só pelo lado financeiro, teria que levar esse exemplar e mais uns cento e cinquenta para valer a pena. Se todo mundo fizer isso, não haverá mais peixes para pescar. Recorde-se da briga com o peixe, de como você o dominou e o venceu pelo cansaço. Isso é o seu prêmio. Recorde-se do seu empenho e dedicação em capturar um espécime exemplar. Isso é o que conta, é o que vale no final!

Apesar de ter usado vários argumentos válidos para a ocasião, o clima ficou muito estranho e toda a camaradagem existente durante a viagem se esvaiu, ficando difícil a convivência entre os integrantes do grupo nos últimos dias da viagem, além de acarretar várias reclamações dos participantes que ficaram solidários com o pescador, que, embora em tese compreendam a necessidade de devolver os peixes, acham que os grandes exemplares poderiam ser levados. Outro fato ocorreu dias após o lançamento de um evento esportivo em Santa Catarina. Novo conflito se estabeleceu. Ao saberem que, pelas regras da pesca esportiva, todos os animais capturados deveriam ser devolvidos vivos à água, vários dos participantes demonstraram descontentamento com o conceito pretendido.

Dentre as várias ligações telefônicas e mensagens, uma que trouxe apreensão a Tomé foi a de um dos pescadores esportivos inscritos, Sr. Orlando Gasparillo, um velho conhecido. Como tinha mais intimidade, tentava argumentar, durante uma longa ligação telefônica:

ORLANDO: Como assim tenho que devolver o peixe? Eu pesquei, eu investi um monte de dinheiro e agora você está dizendo que eu não posso ficar com ele? Que absurdo de regra é essa? Você quer que eu dirija 250 quilômetros, pague hotel, combustível, inscrição, além de outros gastos, e que não possa levar nada embora?

TOMÉ: Se todos os pescadores esportivos ficarem com exemplares, não haverá peixes em número suficiente para todos nas próximas pescarias. Imagine você vir a um evento e não capturar nenhum peixe! Isso traria um desalento maior ainda no pescador e um

desânimo com a localidade, para a qual vocês não iriam querer voltar. Nada pior do que ir a uma pescaria, ter uma grande expectativa e passar o dia sem capturar nenhum exemplar.

O pescador, não convencido, disse que não iria mais participar do evento e que, como não havia pagado ainda, deixaria a competição.

E esses não são casos isolados. Tomé, que participa de alguns grupos de pesca no Facebook, observa que existem ainda muitos pescadores que postam comentários depreciativos sobre a norma e o evento.

Embora tenha usado argumentos que teoricamente poderiam e deveriam ter convencido os participantes, esses não foram suficientes para surtir os efeitos desejados, que são demonstrar de forma clara, necessária e definitiva que a prática deve ser ambientalmente responsável.

Tomé sabe que um pescador que fez um grande e variado investimento financeiro – aquisição de embarcação, motor, veículo para transporte, múltiplos equipamentos de pesca, iscas artificiais, combustíveis, teve gastos com viagem, licenças de pesca e para conduzir a embarcação – quer ter um retorno. Agora, imaginar que esse retorno surgirá da quantidade de peixes capturados é praticamente uma ingenuidade.

O empreendedor compreende que a compensação não pode ser a financeira, mas sim a emocional, usando a racionalidade. O prêmio não é o exemplar pescado, e sim a emoção da captura, da “briga” entre o pescador e o animal; é o resultado da técnica executada, que leva tempo para chegar à perfeição e que nem todos conseguem atingir, pois ela determina a captura ou a fuga do peixe; e, é claro, são as experiências e as inúmeras e divertidas histórias advindas do ocorrido.

COMO CHEGAR A UM CONCENSO?

Embora o conceito de “pescue e devolva” não seja novo, ainda existe resistência por parte do público quanto a essa prática. Convencer o pescador esportivo a devolver o peixe à água de forma correta e o mais breve possível é o principal desafio de Tom. A conscientização do participante passa pelo conhecimento das regras do esporte, pela racionalidade ambiental, através de materiais produzidos e palestras relacionadas à técnica da pesca esportiva, bem como pela utilização de argumentos que possam contribuir para a longevidade e o sucesso do segmento em que a empresa atua. Nesse sentido, o empreendedor defende que a recompensa, de fato, deve ser a foto ou filmagem postada nas redes sociais.

Frente a isso, surgem alguns questionamentos: como manter a lucratividade da Amura Eventos e criar competições e viagens de pesca esportiva capazes de atrair os participantes e mantê-los dispostos a cumprir com todas as obrigações? Quais argumentos usar para convencer os participantes a seguirem as novas regras e regulamentos? Como mudar a percepção do praticante da pesca esportiva sobre devolver os peixes vivos para os rios, mares e lagos?

NOTAS DE ENSINO

1- **Resumo do caso e objetivos de ensino**

Este caso de ensino foi elaborado para que uma discussão possa ser conduzida sobre a necessidade de mudanças culturais e ambientais junto às pessoas, podendo abrir um leque de debates sobre o tema. Além disso, pode ser utilizado de forma transversal e interdisciplinar, por alunos de graduação e pós-graduação e em diversas disciplinas, como marketing, gestão

de serviços, gestão de eventos, meio ambiente e sustentabilidade. O fato apresentado envolve o dilema vivido pelo empreendedor e biólogo Geraldo Tomé, da Amura Eventos, que busca argumentos para conscientizar os participantes de seus eventos de que a pesca esportiva e as viagens de pesca devem ser praticadas com racionalidade ambiental, e de que é fundamental a devolução à água dos espécimes capturados. O caso de uso da teoria da racionalidade ambiental da empresa Amura Eventos foi desenvolvido para ser utilizado em cursos de graduação e pós-graduação, nas áreas de administração de empresas, turismo e gestão ambiental.

2- Fontes e métodos de coleta

O caso da Amura Eventos foi fundamentado em uma situação real de uma empresa do setor de pesca esportiva atuante nos estados do Paraná e de Santa Catarina. As informações foram levantadas através de entrevistas junto ao empreendedor Geraldo Tomé, que prontamente disponibilizou dados da empresa para que este trabalho fosse construído. O caso em questão é um problema enfrentado por sua empresa até a atualidade tanto em função do comportamento dos seus consumidores quanto pelas leis e regulamentos que se aplicam sobre o segmento. Os nomes, tanto do entrevistado quanto da empresa, foram alterados.

3- Possíveis tarefas para os alunos

Sugere-se ao professor que inicie suas atividades solicitando leituras prévias sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável, racionalidade ambiental e demais temas que tangenciem o caso, como comportamento do consumidor, gestão de empresas de eventos, turismo em áreas naturais, dentre outros.

Deve-se apresentar as questões norteadoras para a discussão, objetivando prosseguir na busca de resolução do caso de Geraldo Tomé, refletindo sobre as mudanças no ambiente cultural e ambiental e sobre a necessidade de aplicar estratégias de intervenção corretivas, fomentando a racionalidade ambiental. No caso, trata-se de mudança de comportamento do consumidor, que deve atender à legislação existente sobre a pesca esportiva.

O caso visa induzir os estudantes à reflexão sobre como usar da racionalidade ambiental e social a partir de pressupostos de metodologias de planejamento estratégico participativo, racionalidade substantiva, racionalidade ambiental e a ação comunicativa.

Ademais, pretende levar o estudante a demonstrar a importância da racionalidade na ação social, que depende essencialmente da motivação da ação e que está relacionada à teoria organizacional.

Frente ao exposto, o presente caso de ensino deve conduzir à compreensão da necessidade de mudança da racionalidade substantiva e ambiental em relação à prática de consumo de bens e serviços, através de argumentos consistentes, a fim de mudar o padrão comportamental dos participantes de eventos de pesca esportiva e cumprir as normas ambientais existentes.

4- Possível organização da aula para uso do caso

Recomenda-se ao professor que incentive os estudantes a buscarem argumentações adequadas, mediando as possíveis e diversas soluções para o caso apontado. Também é possível buscar paralelos com outras situações que ocorram no dia a dia dos alunos, relacionadas a ações comunicativas que buscam mudar uma visão sobre determinado assunto.

Espera-se que os alunos tomem decisões sob o ponto de vista do gestor de serviços, assim como sob o prisma do consumidor. Com isso, pode haver diferentes reações por parte dos

estudantes e uma evolução no modo de pensar a gestão. Como sugestão, pode-se criar dois grupos com pensamentos opostos, para apresentarem argumentos favoráveis e contrários à soltura dos peixes e também exporem as resistências encontradas por determinados segmentos de nossa sociedade em mudar seus conceitos e atitudes frente às transformações que estão ocorrendo no planeta, com o objetivo de conscientizar de que todos possuem responsabilidade frente as gerações vindouras.

5- Questões para discussão

1. Quais são as vantagens e desvantagens de utilizar a racionalidade substantiva e ambiental numa organização? Quais são os desafios do gestor da empresa para manter um público fiel?
2. Como buscar o desenvolvimento sustentável nas organizações, apoiado em princípios éticos que respeitem as necessidades das gerações atuais sem comprometer as gerações futuras?
3. Por que o prêmio físico (peixe) ainda é algo relevante para o pescador? Como mudar esse tipo de comportamento dos consumidores?
4. Quais são os principais argumentos que podem ser usados pelo empreendedor para convencer os participantes a seguirem as normas e leis existentes? Como é possível melhorar a relação do participante de pesca esportiva com o meio ambiente?

6- Análise do Caso

Questão 1- Quais são as vantagens e desvantagens de utilizar a racionalidade substantiva e ambiental numa organização? Quais são os desafios do gestor da empresa para manter um público fiel?

Ao abordar a racionalidade ambiental, Souza Lima (2012) postula que todas as dimensões da vida associativa reivindicam novas atitudes, novas epistemes, novas teorias e novos saberes. E Leff (2011) aponta que os saberes ambientais não-científicos de grupos de pessoas nômades e ciganos, por exemplo, ficaram excluídos do sistema econômico, social e político. A construção da racionalidade ambiental, portanto, é um processo que passa pela incorporação de normas ao comportamento econômico e pela valoração das externalidades ambientais. Assim, “a construção desta racionalidade ambiental aparece como um processo de produção teórica, desenvolvimento tecnológico, mudanças institucionais e transformação social” (LEFF, 2001, p. 110).

A racionalidade ambiental é um movimento contrário à razão econômica, já que se justifica pelo uso de insumos de forma racional e com preocupação para com as gerações futuras. Na racionalidade econômica, tudo é baseado em cálculos econômicos e tudo tem o seu valor monetário. Ou seja, a ambiental busca atribuir outros valores para que o insumo seja maximizado em seu uso (FERNANDES; PONCHIROLLI, 2011).

O quadro 1 apresenta três obras de Enrique Leff, em que trata da racionalidade ambiental. Estes conceitos são empregados no mercado de pesca esportiva, demonstrando a aplicabilidade teórica no objeto de estudo em questão.

Quadro 1 – Comparação entre racionalidade ambiental e mercado de pesca esportiva

Obras de Enrique Leff	Conceito	Aplicação ao mercado da Pesca Esportiva
(Leff, 2008)	Aborda a crise ambiental e propõe a desconstrução da racionalidade econômica em direção à racionalidade ambiental.	A pesca esportiva apresenta, em sua essência, a conservação ambiental aliada ao desenvolvimento econômico.
(Leff, 2010)	Trata o sujeito como capaz de criar novas identidades, baseadas em desenvolvimento social, racionalidade ambiental, sustentabilidade, diversificação de conhecimentos e diálogos sobre ética.	O praticante da pesca esportiva pode ser o agente da sensibilização ambiental, disseminando os conceitos do desenvolvimento sustentável – econômico, social e ambiental.
(Leff, 2011)	Trata da crise ambiental e dos aspectos relacionados à sustentabilidade ecológica. Além disso, propõe modelos teóricos que englobem a construção de um futuro sustentável, baseado na racionalidade ambiental.	O cenário do mercado da pesca esportiva poderá se deteriorar em função da escassez de peixes e da degradação ambiental.

Fonte: Adaptado de Cembranel (2015).

Com base no exposto, verifica-se que os gestores de empresas que utilizam o meio ambiente natural para a prestação de seus serviços precisam se munir de conhecimentos teórico-empíricos sobre o impacto ambiental de suas atividades, para assim criarem estratégias mercadológicas que atraiam consumidores que compactuem com os valores da organização.

Questão 2- Como buscar o desenvolvimento sustentável nas organizações, apoiado em princípios éticos que respeitem as necessidades das gerações atuais sem comprometer as gerações futuras?

O conceito de desenvolvimento sustentável (DS) vai além da questão ambiental, e Ignacy Sachs, um estudioso do conceito de ecodesenvolvimento, que assessorou a Conferência de Estocolmo de 1972 e a Rio 92, apresenta, dentre suas principais ideias, que o DS compreende: a satisfação das necessidades básicas; solidariedade com as gerações futuras; participação da população envolvida; preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas e programas de educação (SACHS, 2002).

Realizando uma conexão entre a sustentabilidade e a racionalidade ambiental, Cembranel (2015) esclarece que seus princípios surgem no contexto ambiental como uma marca, que reorienta o processo civilizatório da humanidade. As mazelas ambientais trazem à reflexão a racionalidade e os paradigmas teóricos que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico, negando a natureza. E acrescenta ainda:

A sustentabilidade ecológica aparece como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência da espécie humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção (CEMBRANEL, 2015 p. 145).

Mas para que isso aconteça, faz-se necessária a mudança de atitude, de consciência e a ressignificação da atribuição de valor às atividades de lazer e recreação, oriundas de uma preocupação ambiental e uma reflexão sobre suas responsabilidades para com as gerações futuras, frente à diminuição da qualidade e quantidade de espécies nos rios, mares e lagos.

Questão 3- Por que o prêmio físico (peixe) ainda é algo relevante para o pescador? Como mudar esse tipo de comportamento dos consumidores?

O que se espera mudar no comportamento do pescador esportivo é o sentimento da posse do peixe, considerado por ele como um troféu, uma recompensa pelo investimento realizado na prática do esporte. Tal mudança de atitude é explicada por Hirschman e Holbrook (1982), ao mencionarem que o consumo hedônico é a faceta do comportamento do consumidor relativa aos aspectos multissensoriais, fantasiosos e emocionais de uma experiência de consumo.

A pesca esportiva deve despertar no praticante tais emoções, ressignificando a recompensa por meio da exposição em redes sociais, fotos e outros tipos de artifícios que tenham a função de retribuição para os mesmos. Okada (2005) ressalta que há uma relação de conflito quando o benefício do produto ou serviço é caro ou hedônico, trazendo sentimentos de culpa no consumo de serviços prazerosos, divertidos e que trazem felicidade, além da percepção de desperdício (ARRUDA FILHO, 2012).

A empresa em questão precisa criar estratégias de comunicação de marketing para que seus serviços não sejam vistos como algo supérfluo, mas que contemple a expectativa e o prazer da prática da pesca esportiva.

Questão 4- Quais são os principais argumentos que podem ser usados pelo empreendedor para convencer os participantes a seguirem as normas e leis existentes? Como é possível melhorar a relação do participante de pesca esportiva com o meio ambiente?

No caso da pesca esportiva, existem estudos nos EUA e na Alemanha demonstrando que um peixe capturado para alimentação gera um valor monetário, enquanto o mesmo peixe, quando capturado pela pesca esportiva, gera, em média, 16 vezes mais valor monetário, pois o mesmo insumo é usado por inúmeras vezes.

Leff (1986) aponta que existem cinco categorias de racionalidade ambiental, sendo elas:

- Racionalidade substantiva – é o surgimento da consciência ambiental, buscando novos valores e instituindo princípios e valores.
- Racionalidade ambiental teórica – discorre sobre a problemática ambiental e a pressão da sociedade civil organizada, que cobra soluções para os problemas enfrentados na atualidade relacionados ao meio ambiente.
- Racionalidade técnica ou instrumental – trata de estabelecer os meios que conferem eficácia à gestão ambiental, e sua correlação com os instrumentos legais e arranjos institucionais das políticas ambientais.
- Racionalidade ambiental cultural – reconhece a diversidade étnica e suas relações com o meio ambiente.
- Racionalidade ambiental econômica – procura os novos processos produtivos, respondendo ao uso dos seus recursos e da sua gestão.

A partir do arcabouço teórico proposto por Leff, constata-se que o empreendedor Geraldo Tomé deve buscar a mudança na percepção de seus consumidores, deixando prevalecer apenas

a vantagem emocional, assim mudando radicalmente as expectativas e opiniões sobre determinada forma de agir. Mas isso só dará certo se houver, por parte dos pescadores, uma mudança cultural de atribuição de valor monetário às atividades de lazer e recreação, oriunda de uma preocupação ambiental e uma conscientização de suas responsabilidades para com as gerações futuras de animais e pescadores.

REFERÊNCIAS

ARRUDA FILHO, E. M. **Preferência de consumo e decisão utilitária**. AOS, Brazil, v. 1, n.1, jan./jun. 2012, p. 7-24.

CEMBRANEL, P. **Teoria da complexidade e racionalidade ambiental**: um estudo bibliométrico acerca dos estudos de Leff e Morin. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 2, p. 144-151, mai/ago 2015.

FERNANDES, V., PONCHIROLI, O., **Contribuições da racionalidade comunicativa, racionalidade substantiva e ambiental para os estudos organizacionais**. Cadernos EBAPE, 2011.

HILL, K. Report (Centropomusundecimalis). **Smithsonian Marine Station**.2005. Disponível em: http://www.sms.si.edu/irlspec/Centro_undeci.htm> Acesso em 10 de junho de 2018.

HIRSCHMAN, E. C.; HOLBROOK, M. B. Hedonic consumption: emerging concepts, methods and propositions. **Journal of Marketing**, v. 46, p. 92-101, 1982.

INSTITUTO NACIONAL DE LA PESCA (2005). **Breviário de la pesquería de robalo del Golfo de México**. Disponível em: <<http://www.inp.sagarpa.gov.mx/Publicaciones/sustentabilidad/Golfo/RobaloBlanco.pdf>> Acesso em: 08 de junho de 2018.

ITAGAKI, M. K. Potencial de recrutamento das larvas e juvenis de Robalo-peva, *Centropomus. Parallellus* (Teleostei: Centropomidae) no Sistema Cananéia-Iguape, São Paulo, Brasil. 159f. **Tese** (Doutorado em Oceanografia Biológica). Universidade Federal de São Paulo. 2005.

LEFF, E. **Ecología y Capital. Racionalidad ambiental, democracia participativa y desarrollo sustentable**. México/España: Siglo Veintiuno editores s. a. de C. V./Siglo Veintiuno de España editores s.a. 1986.

_____. **Epistemologia Ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela; revisão de Paulo Freire Vieira. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Decrecimiento o desconstrucción de la economía: Hacia un mundo sustentable. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, 7(21):81-90. 2008.

_____. El desvanecimiento del sujeto y la reinención de las identidades colectivas en la era de la complejidad ambiental. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, 9(27):151-198. 2010.

_____. Sustentabilidad y racionalidad ambiental: hacia “otro” programa de sociología ambiental. **Revista Mexicana de Sociología**, 73 (1): 5-46. 2011.

MORO, P. S. **Prospecção do estoque de robalo-peva (*Centropomus parallelus*) no litoral paranaense**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Pesca). Universidade Federal do Ceará – Departamento de Engenharia de Pesca. 2008.

OKADA, E. M. Justification Effects on Consumer Choice of Hedonic and Utilitarian Goods. **Journal of Marketing Research**, v. 42, Issue 1, p. 43, 2005.

PARANÁ. **RESOLUÇÃO Nº 016/2009 - SEMA. AMBIENTE**, S. E. D. M. Paraná. 2009.

_____. Resolução CEMA 91/2013. AMBIENTE, C. E. D. M. Paraná. 2013.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SOUZA LIMA, Geraldo Edmilson de. A Racionalidade e o Debate Ambiental Contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 13, n. 102, p. 100-118, ago. 2012.